

RECENSIONES

Reviews

BARBOSA, A. G.; IBRAIMO, M. N.; LAITA, M. S. e MUSSAGY, I. (coords.) (2017) *Desafios da Educação - Leituras Actuais*. Nampula: Universidade Católica de Moçambique.

Num tempo sem tempo, encontrar tempo para refletir e discutir os desafios da educação ganha ainda mais relevo e atualidade quando as questões educativas (pre)ocupam diferentes académicos, de diferentes países. Assim, aquando da leitura do livro *Desafios da Educação - Leituras Actuais* pude revistar olhares e modos de sentir a educação de forma geral, na relação com a discussão sobre os rumos que esta (educação) parece tomar em África no mundo globalizado.

Assumindo que a globalização é, por vezes, tomada como pano de fundo do processo de expansão do ensino ou como causa do processo «inevitável» de internacionalização do ensino superior, seja pela vocação «internacionalista» das instituições de ensino superior, seja pela facilidade de deslocamento das pessoas pelo mundo ou de comunicação entre elas, possibilitada pelos diferentes meios tecnológicos, permitiram pensar e materializar esta obra. Evocando o poeta «Deus quer, o homem sonha, a obra nasce» (Pessoa, 1960).

Obras desta natureza ganham magnitude pelo esforço e hercúleo empenho dos seus mentores que, num volume, conseguem reunir treze docentes, tantos quantos os capítulos que o compõem. Os autores, apesar de geograficamente separados, partilham aceções, interesses e preocupações comuns: a educação. Assim, a obra advoga o compromisso de permitir e convocar o leitor a visitar Moçambique, Portugal e Timor sem, contudo, sair do seu aconchegante sofá, traduzindo a cooperação internacional na Educação Superior que a UNESCO (2009) define como sendo alicerçada na solidariedade,

respeito mútuo e diálogo intercultural e o livro, ao reunir esta plêiade de autores, concretiza esta máxima.

Apesar da facilidade e acessibilidade da leitura as inquietações são muitas e, de maneira geral, a preocupação extravasa os treze artigos, ainda que as problemáticas versem por distintas (mas complementares) particularidades. Não obstante, fica implícito que a educação é considerada essencial, em primeiro lugar para reduzir os desníveis entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, por meio da transferência do conhecimento e da tecnologia, o que implica o desenvolvimento de uma colaboração solidária para ampliar o entendimento intercultural utilizando o intercâmbio de professores e de estudantes, assumindo-se o compromisso com o desenvolvimento, pela transferência de conhecimentos cruzando fronteiras, principalmente nos países subdesenvolvidos, incentivando-se à cooperação e ao consequente respeito pela diversidade cultural. O que nos remete, tal como ao padre Alberto Ferreira, Ângelo Mendes e Vera Martins, no primeiro capítulo, a expressar que «urge reflectir sobre o desenvolvimento económico e social sustentável partindo do princípio de que este assenta grandemente na disseminação do conhecimento» (p. 15), assumindo igualmente que a universidade é «um agente de globalização» (p. 16), logo potenciadora de recursos e oportunidades, como defendem os autores.

Nesta linha de pensamento, o padre Rafael Sapato defende que «a educação está no âmago do próprio desenvolvimento» (p. 57), justificando assim a pertinência de se refletir acerca da figura do professor na actualidade em Moçambique e da educação, como acontece no segundo capítulo desta obra, onde enfatiza as motivações e os desafios do professor. Por conseguinte, os professores Adérito Barbosa e Ferreira Mauride

trazem à colação a supervisão e a inspeção escolar no enquadramento legal da educação de Moçambique esclarecendo-nos, num primeiro momento, acerca dos conceitos de supervisão e inspeção e só depois apresentam o enquadramento legal de ambos.

No quarto capítulo, Salim Cripton Valá estimula a reflexão trazendo como condimento a literacia financeira, permitindo-nos inferir uma evidente dialética entre economia e educação, pois nas suas palavras, que corroboramos, «um cidadão informado possui o conhecimento necessário para poder fazer escolhas entre diversas alternativas e consequentemente tomar as decisões financeiras mais acertadas» (p. 99). Preocupações financeiras apoquentam Ibraimo Hassane Mussagy que, no quinto capítulo, nos apresenta a tela da(s) variações de preços nas instituições de ensino superior Moçambicanas, assumindo que «nem todas as IES privadas afirmam estar a ajustar a sua propina em consequência da atual crise socioeconómica que Moçambique atravessa» (p. 132).

Elias Ciscato (en)canta-nos, no sexto capítulo, historiando os rituais de iniciação, enfatizando que o processo de crescimento se tem vindo a transformar, estando a desaparecer alguns «ritos de passagem» (p. 148) e que, na atualidade, o jovem parece enfrentar «cada vez mais sozinho a passagem numa construção solitária da sua biografia» (p. 149). E, como tudo muda mas nada é o que parece, Ana Piedade Armindo Monteiro reflete questões de género inerentes à integração da mulher no ensino superior onde, ao avaliar as estatísticas referentes aos ingressos, número de funcionários e docentes na universidade, constatou a existência de «desequilíbrios verificados entre homens e mulheres» (p. 155).

A qualidade do ensino superior Timorense é a problemática com que nos brinda João Câncio Freitas, no oitavo capítulo, pois, apesar de Timor-Leste ter uma história recente no que concerne ao ensino superior, não deixa de lhe reconhecer sobeja importância para o desenvolvimento de qualquer país e/ou sociedade. Neste registo, faz o retrato do desenvolvimento, democratização e consolidação do ensino superior, aludindo

aos grandes desafios por referência aos padrões internacionais. No nono capítulo, Alice Albertina Nhamposse destaca a importância da participação comunitária inclusiva no desenvolvimento local. Ora, assumindo que qualquer mudança só acontece se for sentida e consentida cremos, tal como a autora, que «a democracia e o diálogo podem construir um elemento actuante e forte, capaz de promover o encontro de ideias, a integração política, económica e social de forma inclusiva e abrangente para conquistar empoderar e fortalecer» (p. 194).

No décimo capítulo, Timor volta à reflexão e, desta vez, o professor Vicente Paulino enfatiza a necessidade de «assentar o sistema educativo de Timor-Leste na igualdade pedagógica» (p. 216) assumindo, contudo, que «o governo no seu programa político educacional não implementa as práticas de igualdade na educação» (p. 219). Por seu lado Bonifácio da Piedade, no capítulo seguinte, dá-nos a conhecer as metas educacionais e sociais do século XXI que, na sua aceção refletem as mutações que ocorrem no mundo.

Felipe André Angst, da Universidade Católica de Moçambique, em coautoria com José Matias Alves, da Universidade Católica Portuguesa, trazem à colação o debate em torno das ações de autoavaliação e seus efeitos a nível organizacional, profissional e social dentro de uma Unidade Básica (UB) da Universidade Católica de Moçambique (UCM), resultando deste estudo a «perceção de que as ações de autoavaliação foram pressionadas a acontecer advindas das orientações legais externas, institucionais e nacionais» (p. 252), concluindo que as práticas de autoavaliação são geradoras de «efeitos no quotidiano institucional, mas necessitam para ser legitimadas, superar o controlo burocrático e se afirmarem como ação essencial para a qualidade académica e investigativa» (p. 258).

Saltando o Mar Mediterrâneo, responsável por separar o continente Africano do continente Europeu, no último, mas não menos importante, a professora Evangelina Bonifácio, do Instituto Politécnico de Bragança, remete-nos para as (pre)ocupações

do professor no Século XXI, partindo de duas ideias centrais: «a complexidade do trabalho docente na contemporaneidade e a necessidade dos profissionais de educação serem homens e mulheres de conhecimento(s) e, simultaneamente, capazes de assumirem o compromisso ético-social numa profissão de múltiplas exigências» (p. 263).

A leitura desta obra leva-me a inferir que ser professor em Portugal, em Timor ou Moçambique é avocar o consenso alargado do papel preponderante que estes profissionais devem assumir no(s) diferentes processos de ensino aprendizagem, pois para mim a educação é, como certamente para todos os autores, o catalisador para o desenvolvimento (cultural, social e económico) sustentável e inclusivo de qualquer país, na medida em que pode mitigar as desigualdades sociais e amenizar as fragmentações sociais.

Posso concluir que esta obra tem um duplo papel de crucial importância. Por um lado, porque nos traz contributos que nos permitem fazer parte da reflexão e da discussão, de forma mais (in)formada e fundamentada acerca das questões que entornam a educação, sobretudo em Moçambique. Por outro lado, porque mostra que os «filhos e amigos» de África se preocupam com os problemas do continente e procuram, através das suas investigações académicas, eventuais soluções para eles. Com os trabalhos destes ilustres académicos permito-me, ainda, inferir que África não deve continuar a ser um continente permanentemente associado à pobreza e aos conflitos armados, já que a materialização deste livro mostra que aquilo que se fez, ou se está a fazer em prol da educação, desbrava caminhos, alternativas, metodologias e/ou práticas que podem contribuir para uma resolução efetiva dos problemas.

Neste registo, aprez-me destacar a agilidade académica da UCM pela iniciativa desta edição que, na minha opinião, se traduz numa ponte que vai além de fazer a travessia de um simples rio. Esta ponte permite atravessar oceanos, ou seja, permite ao mundo conhecer aquilo que se faz, se pensa e se sente, relativamente à educação, daí ser uma leitura muito mais do que atual: ela impõe-se

(quase) como obrigatória a todas e a todos que se interessam pela educação.

MARIA LOPES DE AZEVEDO
*Professora Coordenadora Departamento
de Educação - ISCE DOURO*
Correio-e: maria.lopesdeazevedo@iscedouro.pt

FERRARI, Helena (2017) *Marta Schinca, precursora del teatro de movimiento. Volumen 1. Manual del método Schinca de expresión corporal*. Madrid: Editorial Funtamentos, 222 pp. ISBN: 978-84-245-1356-6.

La Expresión Corporal es una disciplina considerada imprescindible en la formación gestual y de movimiento del actor/actriz, y como tal está integrada en el currículo de los estudios de Arte Dramático en España. Indudablemente, hablar de expresión corporal en este ámbito es hablar de Marta Schinca; reflejo del interés por otorgar a su método de trabajo de una cimentación teórica sólida, investigaciones recientes como las realizadas por Ferrari (2014) o Pérez de Amézaga (2015), han tenido como objeto de estudio la técnica de movimiento creada por ella durante más de cuatro décadas de práctica profesional.

Fundamentado en los antecedentes teóricos de los grandes maestros del movimiento expresivo y de la Rítmica, el método de Expresión Corporal Schinca dota al intérprete de destrezas expresivas y de un lenguaje corporal rico en matices mediante la indagación y el descubrimiento de lo que Ferrari describe como una gramática propia del lenguaje corporal. Como reconocimiento a la amplia trayectoria y valor de la técnica Schinca en las artes escénicas, con el texto de Ferrari, la editorial Funtamentos abre una nueva colección destinada al amplio campo del Arte del Movimiento.

El presente libro deriva de la tesis doctoral *Schinca, teatro de movimiento*, defendida por Helena Ferrari en 2014, donde la autora aborda y estructura los principios de la metodología creativa Schinca y sus aportaciones a la creación artística, analizando el origen de la compañía fundada por Marta